

**GRUPO, NARRATIVAS E (NOVAS) POSSIBILIDADES: RELATO DE PESQUISA
EMPÍRICA**

**GRUPO, NARRATIVAS E (NUEVAS) POSIBILIDADES: INFORME DE INVSTIGACIÓN
EMPÍRICA**

**GROUP, NARRATIVES AND (NEW) POSSIBILITIES: REPORT OF EMPIRICAL
RESEARCH**

Ulisses Heckmaier Cataldo*
ulissescataldo@gmail.com

*Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

O presente trabalho visa descrever uma pesquisa empírica-exploratória a respeito do funcionamento de um grupo de apoio a familiares de pacientes usuários de álcool e outras drogas realizado no Instituto de Psiquiatria de uma Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Como objetivos, na intenção de fomentar o debate em relação à importância da assistência aos familiares de usuários de álcool e outras drogas e da validade e importância do trabalho com grupos em saúde mental, abordaremos os meandros da tessitura das redes dialógicas através das quais os pacientes conseguiram vislumbrar outras possibilidades narrativas e, conseqüentemente, novos modos de existência, novas capacidade de ação. Guardando como referência teórica o Construcionismo Social e estratégia metodológica a Poética Social, tratamos de investigar a dinâmica da produção de sentidos com foco no diálogo entre os participantes, dando ênfase aos efeitos discursivos das falas dos participantes em ato, em efeitos sobre a dos demais. Privilegiamos, na análise dos dados, o caso de uma paciente em especial, Elena. Mãe de paciente usuário de drogas e acometido por transtorno mental severo, Elena, uma das mais assíduas participantes do grupo, consegue ilustrar os ditames da presente pesquisa, um olhar local e situado de práticas dialógicas performativas de realidades sociais. Como resultados, enfatizando os processos de uma participante específica, chegamos a três momentos marcantes em relação às diferenças na produção de sentidos, a saber, 1) imersos no problema; 2) encontrando vida para além do problema; 3) revisitando o problema.

Palavras-chave: Grupo; Construcionismo Social; Poética Social

Resumen

Este artículo tiene como objetivo describir una investigación empírico-exploratoria sobre el funcionamiento de un grupo de apoyo para familiares de pacientes que usan alcohol y otras drogas, realizada en el Instituto de Psiquiatria de una Universidad del Estado de Río de Janeiro. Como objetivos,

con la intención de promover el debate sobre la importancia de la asistencia a familiares de usuarios de alcohol y otras drogas y la validez e importancia del trabajo con grupos en salud mental, abordaremos los entresijos del tejido de las redes dialógicas a través de las cuales los pacientes lograron vislumbrar otras posibilidades narrativas y, en consecuencia, nuevos modos de existencia, nueva capacidad de acción. Teniendo como referente teórico el Construccinismo Social y como estrategia metodológica la Poética Social, se intentó indagar en la dinámica de la producción de sentidos con foco en el diálogo entre los participantes, enfatizando los efectos discursivos de los discursos de los participantes en acción, en efectos sobre los otros Privilegiamos, en el análisis de datos, el caso de una paciente en particular, Elena. Madre de un paciente consumidor de drogas y afectado por un trastorno mental severo, Elena, una de las participantes más asiduas del grupo, logra ilustrar los dictados de esta investigación, una mirada local y situada sobre las prácticas dialógicas performativas de los realidades Como resultado, al enfatizar los procesos de un participante específico, llegamos a tres momentos llamativos en relación con las diferencias en la producción de significados, a saber, 1) inmerso en el problema; 2) encontrar vida más allá del problema; 3) revisar el problema.

Palabras llave: Grupo; Construccinismo social; Poética Social

Abstract

This paper aims to describe empirical-exploratory research on the functioning of a support group for family members of patients who use alcohol and other drugs, carried out at the Psychiatry Institute of a State University of Rio de Janeiro. As objectives, in order to foster the debate regarding the importance of assistance to family members of users of alcohol and other drugs and the validity and importance of working with groups in mental health, we will address the intricacies of the fabric of the dialogical networks through which patients they managed to glimpse other narrative possibilities and, consequently, new modes of existence, new capacity for action. Keeping as theoretical reference the Social Constructionism and methodological strategy the Social Poetics, we tried to investigate the dynamics of the production of meanings with a focus on the dialogue between the participants, emphasizing the discursive effects of the speeches of the participants in action, in effects on the others. In data analysis, we favored the case of one patient in particular, Elena. Mother of a drug-using patient suffering from severe mental disorder, Elena, one of the most assiduous participants in the group, can illustrate the dictates of this research, a local and situated look at dialogical practices performing social realities. As a result, emphasizing the processes of a specific participant, we reached three important moments regarding the differences in the production of meanings, namely, 1) immersed in the problem; 2) finding life beyond the problem; 3) revisiting the problem.

Keywords: Group; Social Constructionism; Social Poetics

1- Introdução

É notório o vigor que o trabalho com grupos, ou o grupalismo, ganhou no tempo presente. Após o seu boom nos anos 70 e posterior esquecimento nos anos 80, conforme nos explica Barros (2009), os grupos ganham novo fôlego muito em virtude das mudanças em gestão e promoção de saúde e do crescente aumento da demanda por tratamentos psicológicos (Guanaes, 2006). É muito comum encontrarmos, na atualidade, grupos terapêuticos, grupos de apoio¹, e outras modalidades de trabalho com grupos inseridos no cotidiano das mais diversas instituições, desde hospitais e centros de atenção psicossocial até clínicas e consultórios.

Na atenção aos usuários de álcool e outras drogas, foco do presente trabalho, as atividades grupais têm sido uma das estratégias de intervenção mais incentivadas nos serviços que compõem a rede de assistência aos usuários de substâncias psicoativas (Brasil, 2004). Quanto aos resultados da implantação de modelos de assistência grupais em na atenção a álcool e outras drogas, estudos recentes (Azevedo et al, 2009; Benevides et al, 2010; Rasera & Rocha, 2010) sugerem que o trabalho com grupos é muito útil como estratégia de cuidado em saúde pelo seu caráter de apoio emocional, informativo, de troca e de integração, e um importante veículo para a inclusão social, associado com a melhora nos recursos sociais dos pacientes.

No que consiste a pesquisa com grupos de usuários de drogas e seus familiares, é importante citar o trabalho de Alvares et al (2012) e Vasconcelos et al (2012). No que se refere ao trabalho das primeiras pesquisadoras, diretamente com usuários de drogas, seus resultados apontam para o importante papel do grupo na promoção de um maior autoconhecimento de si e do problema, por parte dos usuários, e por gerar, nos mesmos, “uma força a mais, percebida como uma expressão de amor e liberdade, [para a] preservação da vida” (p. 125). As outras pesquisadoras, por sua vez, as quais optaram pela pesquisa diretamente com as famílias dos usuários. Como resultados obtiveram que além do grupo funcionar como um fator de informação e troca de experiências, favoreceu a melhora do convívio familiar e auxiliou a equipe de saúde.

Desta feita, na intenção de desenvolver o debate em relação à importância da atenção e suporte aos familiares e cuidadores de dependentes químicos e valorizar os grupos enquanto estratégia válida para

¹ No que consiste as diferenças e particularidades entre as distintas modalidades de trabalho com grupos, como os grupos terapêuticos, de apoio etc., indicamos a leitura do trabalho de Guanaes (2006).

atenção em saúde mental, apresentamos a descrição de um estudo empírico acerca do trabalho com um grupo de apoio com base nas contribuições da perspectiva construcionista social à compreensão do processo de produção de sentidos.

2 - Objetivos

Em função do exposto acima, no certame rumo a clarificação do funcionamento de um grupo de familiares a fim promover o debate quanto aos seus usos e benefícios, o presente trabalho pretende realizar a descrição de uma pesquisa empírica-exploratória, desenvolvida com referência no construcionismo social de Kenneth Gergen (1985; 1989) e nos trabalhos de Shotter (2000), Guanaes (2006) e Rapizo (2013), em relação aos processos de negociação de sentidos de um grupo de apoio a familiares de pacientes em uso de álcool e outras drogas de um programa de tratamento em dependência química do instituto de psiquiatria de uma universidade do Estado do Rio Janeiro.

De forma mais específica, o estudo em questão, o qual tem como foco as interações discursivas entre os participantes do grupo terapêutico, tem como principais características a ênfase nos processos locais de construção de sentido, a proposta de uma investigação focalizada sobre o fluxo conversacional e o foco na dinâmica do momento interativo.

3 - Referencial Teórico – O construcionismo social

O construcionismo social, segundo Gergen (1985), é um movimento, ou, uma “consciência compartilhada”, que retoma a antiga questão epistemológica que opuseram racionalistas e empiristas. Na esteira da virada pós-moderna em ciência, a partir de uma postura crítica às formas objetivistas e naturalistas de se pensar o conhecimento, o construcionismo social propõe uma nova sustentação para se compreender a realidade, bem como a criação de uma nova agenda para a prática da pesquisa onde as descrições da realidade são entendidas como práticas sociais, como construções discursivas localizadas histórica e culturalmente.

Do contrário de uma teoria (um conjunto de enunciados explicativos, confiáveis e validados empiricamente acerca da realidade), o movimento construcionista diz que os enunciados sobre o mundo e as coisas devem ser entendidos como construções sociais resultantes de negociações de sentidos em um determinado contexto, cultura e tempo.

Com efeito, reportando-nos novamente ao autor citado acima, quatro são os pontos fundamentais a partir dos quais podemos situar as bases do construcionismo social:

- 1) Aquilo que consideramos como experiência do mundo não determina por si só os termos em que o mundo é compreendido.
- 2) Os termos com os quais entendemos o mundo são artefatos sociais, produzidos historicamente, situados de intercâmbios entre pessoas.
- 3) O grau com que uma dada forma de entendimento prevaleça ou se sustenta através do tempo não depende fundamentalmente da validade empírica da perspectiva em questão, mas das vicissitudes dos processos sociais.
- 4) As formas de compreensão negociada são de uma importância crítica na vida social, enquanto estão integralmente conectadas com muitas outras atividades das quais participam as pessoas.

Em termos gerais, no primeiro ponto Gergen deixa claro que as descrições do mundo não guardam correspondência com uma realidade dada além das formas de dizê-la. Neste sentido, as descrições do mundo são, elas próprias, maneiras de construção da realidade, organizadas a partir de determinadas condições sócio-históricas. Como escreve Guanaes (2006), “vivemos num mundo de ontologias relacionais, isto é, um mundo no qual nossas definições sobre o que as coisas são emergem de contextos de relação, por meio de nossa participação em práticas discursivas” (pag. 25).

No que consiste ao segundo ponto, os termos pelos quais entendemos o mundo, ou seja, os discursos sobre o mundo, do contrário de serem entendidos como uma verdade a respeito da natureza deste (como o discurso naturalista da ciência), são resultados da coordenação humana, da construção de uma comunidade linguística que a partir de processos sociais de negociação produzem significados locais duráveis no tempo. Em outros termos, do contrário de um sujeito que posiciona o mundo, seja por representação, ou por captação passiva da natureza, o construcionismo social prefere a “interpretação linguística”: abandona a postura moderna de objetividade e universalidade, preferindo outra que diz que o conhecimento é algo que as pessoas fazem juntas na forma de linguagem – “atividades essencialmente compartilhadas” (Gergen 1985, pag. 310).

Para o construcionismo social, conforme pensa Gergen, a linguagem, pois, é uma atividade compartilhada. Essa ideia encerra as investigações psicológicas da linguagem (de como a linguagem é interpretada pelo indivíduo), e nos convida a pensar as trocas linguísticas como uma negociação de sentidos, os quais são sempre relativos ao um determinado contexto e tempo histórico. Sobre esse aspecto, Gergen acrescenta que é nos momentos interativos entre as pessoas, onde umas devem reagir às

colocações das outras através de uma compreensão ativa e responsiva, que se pode compreender como as pessoas articulam os sentidos que as referenciam em relação ao mundo e a si mesmas.

Com efeito, para Gergen (1985), a linguagem, pois, deriva sua significação a partir das formas pelas quais funciona no interior de certos padrões de relacionamento. Assim, o significado das palavras é decorrente do seu uso social, da forma pela qual é utilizado nos relacionamentos existentes. É a linguagem entendida como linguagem em ação, e a circulação de sentidos como jogos de linguagem.

Esta visão da produção de significado, como escreve Rasesa e Japur (2001), como algo relacional, traz a dialógica, a relação com o outro, como fundamento da vida humana. Segundo estes autores, Gergen, inspirado em Bakhtin, propõe alguns pontos básicos sobre a origem relacional do significado, a saber: a) o significado se constrói na relação entre as pessoas; b) o significado não está nas estruturas do texto, nem no sistema de linguagem, mas na interação entre as pessoas; c) a linguagem, em seu caráter performático, constrói a realidade por meio de determinadas descrições e explicações; d) a ampliação da participação em diferentes relacionamentos possibilita diferentes ontologias relacionais, criando condições para o entendimento como desentendimento entre as pessoas.

Como são nossas práticas discursivas que informam nossas possibilidades de estar no mundo, destacamos a interligação entre conhecimento e ação no sentido de que diferentes práticas discursivas (diferentes formas de descrever o mundo) implicam em diferentes práticas sociais, em diferentes possibilidades de dar sentido ao mundo e agir socialmente.

Nesse sentido, não existe um discurso verdadeiro sobre o mundo, mas sim um discurso eleito sócio e historicamente. Sobre este ponto, Gergen explica:

[as] descrições e explicações [servem] para sustentar e apoiar certos padrões, à exclusão de outros. Alterar descrições e explicações é, portanto, desafiar certas ações e propor outras. Construir pessoas de tal forma que elas possuam um pecado original é propor certas linhas de ação e não outras. Ou, tratar depressão, ansiedade ou medo como emoções das quais as pessoas sofrem involuntariamente tem implicações bem diferentes do que tratá-las como tendo sido escolhidas, selecionadas ou representadas num palco (1985, pag. 306).

Por fim, no tocante ao quarto axioma do construcionismo social, Gergen diz que as descrições, histórias e explicações sobre o mundo constituem, elas próprias, formas de ação social através das quais sentidos sobre o mundo e nossas ações são criados coletivamente, em diálogo. Várias formas de interações sociais, que vão desde como retribuimos um afeto, de como definimos a nós mesmos, até a política que

sustentam nossas instituições, são constituídos por discursos e narrativas vencedoras de embates ideológicos incessantes.

Feito esse percurso, passando pela noção de linguagem, dialogismo e os efeitos performativos da linguagem, podemos introduzir o conceito de narrativa. Conforme escreve Grandesseo (2011), a narrativa pode ser entendida como uma história que construímos a respeito da nossa vida e da nossa identidade que dá sentido e organiza a nossa experiência (o que derruba a ideia de um *self* unificado e estável). O desenvolvimento de uma narrativa, ou história, é algo que fazemos em conjunto com outros e conosco, por meio do diálogo interno. Dessa forma, nós nos construímos a cada momento de interação na medida com a qual escolhemos algumas narrativas em detrimento de outras. Novas narrativas nada mais são, pois, do que estratégias de (re) contar histórias, de (re) construir sentidos a respeito do mundo e de nós mesmos.

Ainda a respeito das narrativas, insistimos que essas não se produzem de forma individual, como se fosse o indivíduo autor solitário das histórias pelas quais suas ações ganham orientação e sentido, mas sim são essencialmente coletivas. Sobre esse mérito, Spink (2013), recorrendo às ideias de Gergen, Wittgenstein e Bakhtin, escreve que uma narrativa é coletiva uma vez que

é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica de suas interações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos em sua volta (2013, P.22).

Desta feita, acompanhando as palavras de Spink, uma narrativa é fruto da interligação, do entremear de uma rede de sentidos, os quais se estruturam em discurso coerente, contingente e singular, as narrativas; sempre provisórias e dependentes da rede dialógica a partir da qual se originaram. Resumindo de outra forma, não existe narrativa sem diálogo, não existe realidade sem narrativas. Construímos a nós mesmos e ao mundo em diálogo, na medida com a qual participamos dos jogos de linguagem de uma dada comunidade linguística.

Acerca do trabalho com grupos sob a perspectiva do construcionismo social, ainda é válido explicar que o grupo, de acordo com uma visão construcionista social, não deve ser encarado como uma entidade dotada de essência e propriedades previamente estabelecidas. Tão pouco como um conjunto de pessoas que, uma vez juntas, passam a promover uma dimensão grupal que possibilitaria padrões de interação, de intervenção e acesso ao material do inconsciente coletivo ou grupal.

O convite proposto pelo Construcionismo Social “é considerar o grupo como um contexto relacional em permanente construção que pode promover certos tipos de conversa” (Rasera e Japur, 2007, P. 92). Com efeito, o interesse de investigação se desloca de uma concepção organicista focada nas transformações individuais decorrentes do efeito das propriedades do grupo, para os processos conversacionais e narrativos que se desenvolvem nos relacionamentos humanos.

Como ponto inicial, Rasera e Japur (2001) dizem que o grupo “não existe independente das formas de dizê-lo”. Isso quer dizer que da mesma forma que a realidade empírica, o grupo é construído na linguagem e pela linguagem, sendo, dessa forma, essencial não sua natureza (se esta fosse possível), mas sim saber como as pessoas o constroem, compreendem-no e dão sentido a ele em suas ações conversacionais. Logo, o grupo deve ser compreendido como um agrupamento local e provisório, uma prática social, histórico e culturalmente situada, a qual ganha diferentes sentidos conforme as formas de conversação realizadas.

Dessa forma, considerar o grupo como prática discursiva implica admiti-lo como uma estratégia para criar (novas) realidades relacionais. O grupo, com efeito, passa a ser referido não pelo o que ele é, mas sim ao que as pessoas fazem juntas. O foco de investigação deve estar, dessa forma, na linguagem, e nos jogos de linguagem empregado pelos participantes, entendendo a interação dos participantes do grupo de forma idêntica aos jogos de linguagem que estamos imersos em sociedade. Jogos estes correspondentes as negociações de sentidos que sustentam nosso horizonte hermenêutico. Nas palavras de Rasera e Japur:

O grupo se institui na relação entre as pessoas como discurso, uma construção linguística, servindo como forma de descrever a relação entre as mesmas. Trata-se do grupo do qual se fala, do objeto construído relacionalmente, e que se impõe de diferentes formas conforme as regras do contrato grupal. Como tal, o grupo cria uma realidade, um campo de possibilidades entre os participantes (2007, P. 93).

Desse modo, como propõe Guanaes (2006), a prática grupal de influência construcionista pode ser definida “como uma prática conversacional, na qual seus participantes respondem uns aos outros de um modo responsivo (em resposta aos outros enunciados) e retórico (construindo narrativas explicativas em suas posições)” (P. 86). O grupo tem por objetivo, com efeito, a produção de entendimentos compartilhados decorrentes da coordenação das ações dos participantes, investindo em descrições alternativas, em especial, dos problemas, relacionamentos e mudanças.

No tocante a essa questão, com destaca Spink (2013), a título de melhor esclarecimento, como atribuímos sentidos a nós mesmo, nosso mundo e nossas ações em práticas discursivas, nas imbricações

dialógicas, a depender do contexto e dos interlocutores, podemos compor narrativas diferentes a respeito de nós mesmos, nossas vidas e do mundo igualmente coerentes entre si. Nas palavras da referida autora: “O conteúdo dessas narrativas é orientado pelo contexto argumentativo que se configura no momento da dialogia” (P. 36).

Por certo, a proposta da prática grupal de influência construcionista social não oferece uma técnica, mas sim uma orientação para a postura do facilitador do grupo. A atenção do terapeuta ou facilitador, como escreve Guanaes (2006), deve voltar-se para os processos de negociação de sentidos, para “como se conversa sobre o que se conversa” (P. 86), na intenção da construção, de um contexto dialógico onde as descrições de si, do mundo e dos problemas dos participantes possam ser compartilhados promovendo a construção de novas possibilidades a partir das costuras de suas narrativas.

O terapeuta ou facilitador do trabalho com grupos de base construcionista social é visto como colaborador, um coautor no processo de produção de sentidos, e, portanto, corresponsável pelos processos de mudança (Rapizo, 2013). O terapeuta de grupo, assim, deve deixar o lugar de especialista, assumido o lugar de facilitador na tarefa de questionar o que as narrativas presentes contribuem para a abertura, ou restrição, de formas alternativas de se relacionar com o mundo. Como escreve Rapizo: “o facilitador torna-se um curioso a respeito das várias histórias e narrativas presentes no grupo e tem um saber geral sobre seu ofício na construção de contextos e diálogos, mas não sobre qual o rumo que o grupo ou qualquer participante irá tomar” (2013, pag. 144).

A construção do grupo como um recurso conversacional, como escreve a autora citada acima, passa pela perspicácia do terapeuta/facilitador, como um “artesão de contextos”, em possibilitar um contexto de diálogo onde possa ocorrer o encontro das mais diversas vozes e perspectivas na forma de uma conversa. A mudança, com efeito, da mesma forma que o problema, é construída na linguagem. Como os problemas são vistos como formas de descrição que derivam do fundo hermenêutico das nossas trocas sociais que geram sentidos de conflitos e dificuldades, no grupo, como um espaço de diálogo, os problemas ganham múltiplas descrições, o que combate algumas visões naturalizadas que alguns participantes possam ter a respeito dos seus problemas.

As novas descrições de si e dos problemas podem ser vistas, ainda, como uma forma de atuação política, uma vez que os jogos de linguagem que ocorrem no grupo não são fenômenos locais decorrentes da natureza do trabalho, mas sim mais um exemplo das trocas dialógicas que acontecem em sociedade e,

dialeticamente, produzem sociedade. Dessa forma, segundo Rapizo (2013) a mudança na narrativa de um membro também marca uma transformação social, uma vez que aquele participante leva uma nova postura para os futuros jogos de linguagem que está inserido.

Portanto, uma vez familiarizados com os principais conceitos do Construcionismo Social, com a proposta construcionista do grupo como recurso conversacional, do trabalho terapêutico como a produção de um contexto de circulação e mistura de narrativas e de um terapeuta ou facilitador visto mais como um artesão de contexto, um coadjuvante marcado por seu engajamento ao diálogo, do que por um especialista em saúde e comportamento humano, as condições para o melhor entendimento do funcionamento concreto de um grupo adepto a abordagem construcionista social finalmente tornam-se alcançadas.

4 - Percurso Metodológico

Conforme escrito acima, compreendido nosso referencial teórico, é possível expor nosso percurso metodológico. Em prol de uma pesquisa cujo foco é o diálogo, o processo interativo entre as pessoas, ou, em outros termos, a produção local de sentidos com o foco na dinâmica discursiva, nos processos conversacionais, na esteira de uma agenda pós-moderna para a prática científica (Santos, 2010; Gergen, 1989), elegemos como método a *poética social* de John Shotter (2000).

Uma investigação fundamentada na poética social, conforme escrevem Shotter (2000), Guanaes (2006) e Rapizo (2013), tem por objetivo descrever os processos discursivos e relacionais de produção de sentidos com ênfase nas respostas espontâneas das pessoas umas às outras, ao diálogo. O interesse dessa forma de investigação, com efeito, reside nas relações, na produção de sentido articulado na relação. Nesse caso, não cabe ao pesquisador apenas descrever os sentidos presentes na fala das pessoas, mas sim os modos como as narrativas (enunciados em diálogo) se relacionam, e os modos como as pessoas constroem, entre si, os sentidos que fundamentam suas ações.

A poética social designa-se, portanto, como uma forma de investigação focalizada no contexto microssocial de produção de sentidos na qual o pesquisador é considerado parte inseparável do processo de produção de conhecimento. A escrita científica em pesquisa, conforme escreve Guanaes (2006), “constitui-se como uma prática dialógica, um processo de construir impressões conjuntamente” (P. 97). Dessa forma, a relação do pesquisador com seu objeto de estudo dá-se de uma forma na qual cabe ao pesquisador identificar os momentos marcantes que capturam sua atenção e despertam seu interesse de

pesquisa. Numa investigação baseada na poética social, em outros termos, o pesquisador é ativo quanto aos sentidos que emergem da relação que ele estabelece com o dispositivo de pesquisa.

Desse modo, do contrário da busca de padrões de uma suposta natureza objetiva e independente do observador, na poética social busca-se pelo irregular, pelas ocorrências singulares dos momentos marcantes, as articulações de sentido ainda não vistas ou experienciadas. Sendo assim, pois, cabe ao pesquisador analisar as articulações criativas com as quais convive no campo ou dispositivo de pesquisa, ampliando as possibilidades de descrevê-las.

Desta feita, como percurso metodológico acompanhamos, durante três meses (compreendendo dez sessões) a um grupo de apoio a familiares de pacientes químicos vinculados a um programa de álcool e drogas do instituto de psiquiatria de uma universidade do Estado do Rio de Janeiro. O grupo em questão tratava-se de um espaço aberto à livre demanda dos familiares que tivessem os seus em tratamento no referido programa de álcool e drogas. A permanência no grupo era livre, sem exigência de presença contínua. Os encontros tinham uma hora e meia de duração e a fala era livre. Durante o período de observação um total de sete pessoas participaram dos encontros no grupo, o terapeuta/pesquisador e mais seis participantes, todos familiares de pacientes, a saber: Elena, Jurandir, Beth, Jussara, Elis e Almira². Com a devida autorização tanto da instituição na qual o grupo ocorria, quanto da parte dos participantes, registramos nossa vivência no grupo em diário de campo e analisamos o material seguindo a metodologia citada acima a procura de mudanças significativas no conteúdo das narrativas dos pacientes a respeito de si e dos seus problemas, identificando, assim, os efeitos do grupo sobre eles.

Ao todo, após a análise, chegamos a três momentos marcantes, a três estágios nos quais as narrativas dos pacientes encontraram mudanças a nós significativas. Classificamos esses momentos como 1) Imersos no problema, 2) encontrado vida para além do problema e 3) revisitando o problema.

Para uma explanação mais simples, decidimos trabalhar a apresentação da pesquisa focando as transformações de uma participante específica, a Elena. Nas próximas páginas o leitor encontrará os pormenores do processo da Elena, sua história, bem como o registro das suas interações com os outros participantes e com o terapeuta.

²Todos os nomes presentes nesse trabalho são fictícios a fim de proteger a identidade das pessoas envolvidas.

5- Resultados: o Caso Elena

5.1- Imersa no problema

Elena chegou acompanhada do ex-marido, Jurandir. Elena era uma senhora de 66 anos e natural de Pernambuco. Quando jovem migrou para o Rio de Janeiro fugindo da pobreza. “Dificuldade” é a palavra, segundo ela, a qual melhor descreve sua vida de estrangeira em meio aos cariocas, os quais a vêem como “uma paraíba”. O motivo pelo qual Elena procurou o grupo era a recente descoberta da dependência química de seu filho Francisco (32 anos), o qual também sofria de esquizofrenia. Ela relatou ser a única cuidadora de Francisco, não recebendo ajuda de ninguém, inclusive da parte de Jurandir.

Logo de saída, na primeira participação do casal no grupo, Jurandir nos advertiu sobre a “falência” do seu casamento. Segundo ele, ambos vivem juntos, no entanto, se consideravam separados há vários anos. Elena, no entanto, senhora de fala mansa e serena, preferiu ignorar a fala do ex-marido e falar de Francisco: “meu filho é músico e esquizofrênico. Somos só eu ele. Meu medo é que ele fica dias fora de casa”.

Nessa ocasião, a primeira sessão de Elena, as outras quatro participantes presentes dividiram, com Elena, a curiosidade em relação a seu problema. Jussara, também mãe de um rapaz usuário de droga, ficou intrigada quanto as dificuldades que a (falta de) saúde mental pode contribuir para a dependência química e perguntou para Elena sobre o tratamento de Francisco. Elena, em resposta a Jussara, contou sobre o episódio do último surto do filho, no qual ela se encontrou totalmente sozinha envolvida num tríplice desafio, o surto psiquiátrico, a dependência química e uma tuberculose descoberta na ocasião da internação em decorrência do surto: “é muito difícil lidar com tudo isso. Ainda estou tomando pé do problema, mas não sei nem por onde começar”, ela diz. Jurandir, a título de curiosidade, permaneceu em silêncio, com os braços cruzados e a face tensa.

Nesse momento fiquei confuso e perguntei a respeito da tuberculose e da descoberta a respeito das drogas. Elena disse que a descoberta foi “uma surpresa horrível”. Ela acreditava, até aquele momento, que as saídas do filho tratavam-se de atividades profissionais ligadas à música. Ela pensava que Francisco estivesse apresentando-se em algum lugar, ou apenas se divertindo com amigos. No entanto, ela nos contou, novamente com um ar sóbrio e sereno, que Francisco foi pego pela polícia usando drogas. “Agora eu sei por que ele passa tanto tempo na rua. É para se drogar”, ela diz.

Em tom de cuidado, Beth perguntou a Elena como ela estava se sentindo. Elena respondeu de maneira bem seca: “Estou triste, né”. Em seguida, Elena voltou a narrar suas dificuldades diárias com Francisco, a falta de acesso a tratamento médico, a dificuldade no deslocamento, a ausência de ajuda e a resistência da parte de Francisco, o qual “nem da tuberculose quer tratar”.

Decidido a implicar Jurandir na conversa, perguntei sobre o seu papel no contexto exposto por Elena. Jurandir explicou que para ele Francisco “é preguiçoso e não tem força de vontade”. Sobre o filho, Jurandir complementa: “ele é inteligente, talentoso, mas fica o dia todo deitado”. A respeito da sua participação, Jurandir reconheceu que nada ajudava, mas que os cuidados a Francisco seriam obrigação de Elena, a mãe. Sobre sua vinda, ele explica, na ocasião, que veio apenas para trazer Elena.

Fiquei surpreso a declaração de Jurandir, que se isentou de qualquer responsabilidade. Jussara, que estava sentada próxima a Jurandir, levanta-se e procura outra cadeira. Quando perguntei a Elena como ela via as declarações do ex-marido, ela disse que “está acostumada” a esse tipo de comportamento por parte não apenas de Jurandir, mas, também, por todas as pessoas. Ela disse que não tinha amigas, e que não podia confiar, nem contar com ninguém.

Sobre o filho ela acrescentou: “não tenho remorso, não tenho culpa. Tem hora que sinto raiva, tem hora que sinto pena, daí vem o amor de mãe”. Elena, na esteira dessas declarações, se revolta: “só quem vive sabe a dificuldade”. Ela complementou nos explicando que tem dificuldade de encontrar com quem conversar porque, de forma geral “as pessoas só perguntam para te julgar, para poder falar que você não é boa mãe.

Quando Elena questionou o motivo pelo qual algumas pessoas sucumbem ao vício enquanto outras não. Beth, uma participante mais experiente, disse a ela que talvez fosse mais proveitoso pensar em soluções, e não em teorias a respeito da origem dos problemas. Elena, em resposta a Beth, explicou que Francisco é muito dependente dela, e que gostaria que ele tivesse mais autonomia.

Em outra oportunidade, algumas sessões adiante, Elena contou que o problema “é bem maior do que ela imaginava”, que “não sabia que estava nesse nível”. Ela explicou que o filho recebia um benefício, e que gastava todo esse o dinheiro com drogas. Ela falou também que tinha conseguido trazer o filho a consulta médica, que ele concordava em vir apenas quando ela o trazia. Perguntei, nesse momento, sobre

o que ela sabia a respeito da doença do filho. Ela, então, passou a refletir e disse: “É verdade. Ele não tem condições de assumir a responsabilidade pelo que faz”.

Depois dessa colocação algumas participantes dividiram suas experiências. Uma contou como precisam vigiar e controlar seus filhos o tempo todo, enquanto outras falaram que seus filhos deveriam responder pelo que faziam. Nesse momento convido para a que todas refletissem se não poderíamos pensar em responsabilidades compartilhadas, e procurar ajuda para o que não estivesse em nosso alcance. Elena, em resposta, fez movimento de fala, mas hesitou e voltou ao silêncio.

5.2 – Vida para além do problema

Habituada ao grupo, sempre pontual quando comparecia, no sexto encontro registrado (o quarto dos oito encontros nos quais Elena esteve presente) Elena chegou ansiosa, nos apresentando uma dúvida: falou que seu filho estava desaparecido há quatro dias, e que, após mais uma ausência a consulta médica oferecida pelo instituto de psiquiatria da universidade, ela encontrava-se temerosa quanto à paciência da instituição em continuar a acolhê-lo. Expliquei sobre a compreensão da parte do hospital a situação. Elena se acalmou e voltou a se queixar, dividindo as mesmas informações das quais muito já havia nos brindado. Em determinado momento ela interrompeu a si mesma e disse: “me desculpem por descarregar meus problemas em vocês”. Com os olhos marejados, ela dividiu, pela primeira vez, uma ideia sobre si própria, falou que se via “como uma paciente”, pois frequenta o hospital mais vezes que o filho. Beth lhe oferece a mão, e Elena desabou em lágrimas: “não quero acabar junto com meu filho”.

Enfatizei a ela sobre a importância de ela olhar para si mesma, de encontrar algum lugar que possa confiar o suficiente para pedir ajuda e se abrir, ressaltando minha própria experiência enquanto psicólogo e pessoa. Ela explicou que não tinha com quem dividir suas angústias, e que ninguém a compreendia. No entanto, ela ressaltou que tinha ultimamente pensado em arriscar-se a falar de si com aquelas pessoas que “não querem saber o porquê”.

Ela complementou dizendo que é muito duro ouvir críticas a respeito de como ela cria seu filho. Explicou que se sentia envergonhada com as atitudes do filho, e que, até aquele momento, não estava conseguindo chorar. Falou que no grupo, naquele momento, sentiu vontade de se soltar. Perguntei o que o choro lhe dizia, e quais os sentimentos que ela poderia dividir com o grupo naquele momento. Ela disse

que o choro trazia um “alívio”, acompanhado de um sentimento de “leveza” e de “alma lavada”. Ela explicou que sentia se “lavando” ao conseguir chorar.

Elena completou sua participação dizendo que da mesma forma como Elis fazia, ela pretendia aprender a lidar melhor com os problemas do seu filho, mas que precisava, para tal, se ouvir e chorar mais vezes. De forma coletiva a convidamos para chorar quando ela quisesse. Elena sorriu e dividiu com o grupo sobre a falta que sentia de sair de casa, de se divertir, de passear, enfim, de cuidar dela mesma. Por fim, ele concluiu, de forma inovadora: “não vou abrir mão dos meus projetos”. Ela enfatizou que o choro lhe deu forças, e que precisa “deixar mais o filho” para dar umas caminhadas e se divertir. Beth, ao ouvir, bateu palmas.

5.3 – Revisitando o problema

No último encontro registrado, Elena chegou cedo, antes da hora marcada para o início do grupo. Durante a sessão, enquanto conversávamos a respeito da importância, para algumas participantes, de se arrumar, de cuidar mais da vaidade, e de sair mais vezes para se divertir, Elena, em seu depoimento, disse que vinha saído, e que, de jeito nenhum, pensava em deixar de se divertir minimamente.

Sobre sua semana, ela resumiu que “vai caminhando”, que tem dias que ela ficava “olhando para o horizonte” se perguntando “porque”, mas que em seguida “se levanta e continua”. Ela falou que estava conseguindo controlar melhor as doses diárias de medicação do filho, e creditava essa mudança à melhor comunicação entre eles. Enfatizou que no grupo “aprendeu a se fortalecer”, e completou sua fala explicando que no grupo se sentia segura para se expressar, ressaltando a importância de ter sido acolhida quando chorou: “minhas lágrimas são minha proteção”. Contou que toda vez que chorava conseguia “se lavar” e se fortalecer, sentindo-se mais protegida. Depois, ela comentou que vinha chorando sempre que precisava, o que era, para ela, “libertador”.

Mais tarde, em comentário à fala de Almira, uma participante recém-chegada, Elena fez questão de dividir o quanto era sofrido para ela ver o filho “se afundando”, mas que, no entanto, tinha conseguido nutrir a “calma e aceitação” para pensar em “melhores estratégias”. Ela explicou que estava cansada de tentar as mesmas coisas, e que chegou à conclusão que uma intervenção mais enérgica era necessária: ela decidiu tentar uma nova internação para o filho, e admitiu pensar numa interdição também, tema tabu no início de sua participação no grupo. Ela encerrou declarando que “só consigo suportar isso tudo me fortalecendo”.

6 – Discussão e Considerações Finais

O que podemos apreender com a descrição do processo de Elena? Em primeiro lugar, é notória a horizontalidade com a qual se portou o terapeuta em relação ao grupo. Seguindo a orientação do método do construcionismo social para o trabalho com grupos, em nenhum momento as intervenções da terapeuta se dirigiram “ao grupo”, mas sim a cada participante em particular na intenção de explorar e fazer circular uma história. Tal postura fica evidente, por exemplo, quando o terapeuta buscou implicar Jurandir, oferecendo sua narrativa ao grupo, quando pergunta a Elena a respeito da sua rede pessoal de apoio, o que gerou uma nova narrativa ainda não desenvolvida por Elena e aproximação de Beth, e quando dividiu com Elena a importância de conseguir ajuda com seus problemas, baseado em suas próprias experiências como profissional e pessoa. Insistimos que tais passagens, revelam que todos no grupo se portavam como iguais (sem assimetria entre especialistas e leigos ou pacientes) dividindo narrativas a fim de construir – juntos e através do diálogo – novos horizontes.

Em relação ao grupo, em segundo lugar, é possível observar como a proposta construcionista social gerou um clima de troca e partilha através do qual, em relação à Elena, é possível observamos como, na medida que essa se sentiu acolhida pelas outras participantes, sua narrativa transformou-se de um relato saturado pelo problema a uma visão mais positiva de si, da vida e de suas possibilidades.

Sobre a interação entre as participantes, o funcionamento do grupo, cabe destaque, nesse sentido, a participação de Jussara e Beth sempre em tom simétrico e colaborativo, diferentemente das relações vivenciadas por Elena fora do grupo, nas quais se sentia julgada. As diversas manifestações de apoio por parte de Beth, bem como, como uma das frequentadoras mais antigas do grupo, suas dicas e experiência. A fala de Elis, manifestada por Elena enquanto inspiração a si mesma, o que demonstra como uma participante levou em consideração o depoimento de outra, deixando-se afetar. O comentário de Elena a Almira, dividindo suas experiências pessoais e de convivência com o grupo são exemplos das partilhas e dos efeitos das narrativas de umas participantes sobre as outras.

Sobre a troca e mistura das narrativas ocorridas no grupo, tanto da parte do terapeuta para as participantes, quanto da parte das participantes entre elas, é importante mencionar que nenhuma dessas trocas foram realizadas em tom de uma intervenção respaldada por uma verdade científica, mas sim na pura circulação de relatos, narrativas, argumentos baseados em experiências cotidianas para, num clima horizontal e dialógico, fazerem diferença a outras maneiras de (re) contar histórias.

Em terceiro lugar, o modo de partilha instaurado no grupo fez do mesmo um dispositivo de troca e mistura a partir do qual, como fica evidente com o caso Elena, transformações são possíveis. Ao contrário de como funcionaria num grupo-organismo, no qual o coordenador induziria mudanças nos participantes a partir de intervenções do processo geral do grupo, no estudo de caso proposto os próprios participantes deram o tom do funcionamento do grupo, sem definições a priori nem de como o grupo deveria funcionar, nem de que deveria ser entendido como comportamento saudável ou não.

O caráter terapêutico do grupo, com efeito, diz de como os próprios participantes puderam fazer do grupo um espaço de fortalecimento, um espaço no qual encontraram meios para novas ações. Não defendemos aqui, por certo, que os caminhos encontrados por Elena são saudáveis por si, como se ela tivesse encontrado a via para uma vida mais próspera e feliz, mas sim a notória possibilidade de implicação, por parte de Elena, em seus próprios processos de vida, buscando um meio de viver que fosse mais proveitoso para ela, nas condições e aspirações possíveis a ela.

Acreditamos, portanto, em vista das reflexões desenvolvidas acima, que o grupo para familiares e cuidadores de pessoas em situação de dependência química aos moldes das contribuições do construcionismo social é valioso instrumento terapêutico tanto para os pacientes quanto para as pessoas envolvidas com eles, uma vez que ao mudarmos nossa relação com os outros, a resposta dos outros necessariamente se altera, o que flexibiliza as fronteiras do grupo e o faz, consonante com o pensamento de Barros (2009), um instrumento ético-estético-político na produção de inovadoras sociabilidades e subjetividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ SQ, GOMES GC, OLIVEIRA AMN, XAVIER DM. Grupo de apoio/suporte como estratégia de cuidado: importância para familiares de usuários de drogas. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre (RS) 2012 jun; 33(2): 102-108. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/9v8czfQXCgqh7Z6yH8b5r8S/abstract/?lang=pt>. Acesso em 06 de setembro de 2021.

AZEVEDO, R, et al. Grupo terapêutico para tabagistas: resultados após seguimento de dois anos. **Ver. Assoc. Med. Bras.** 2009; 55(5): 593-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/tnM9GqfjxsDGb8CRTsStPzz/?lang=pt>. Acesso em 10 de maio de 2021.

BARROS, R.B. **Grupo: a afirmação de um simulacro.** Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2009.

BENEVIDES, D.S. et al. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v.14, n.32, p.127-38, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/sGxSVwVhyjSyhWZXM8txYXS/?lang=pt>. Acesso em 10 de maio de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS.

A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde. 2.ed. rev. ampl.– Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_drogas.pdf; Acesso em maio de 2021.

GERGEN, K. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna (1985). **R. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v6,n.1, p.299-235, jan/jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n1p299>. Acesso em 05 de março de 2012.

_____. La psicología pós-moderna y la retórica de la realidad. In T. Ibañes. Garcia (coord.), **El conocimiento de la realidad social** (pp 157-185). Barcelona: Sendai, 1989. Disponível em: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20110819-ferreira_retorica_livroslabcom_05_09.pdf. Acesso 05 de março de 2012.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado**: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GUANAES, C. **A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social**. São Paulo: Vetor, 2006.

RAPIZO, R.L. **Entre laços e nós, perdas e ganhos: um espaço de conversas sobre divórcio**. 2013. 356 f. Tese (Doutorado em psicologia social) – Instituto de Psicologia Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

RASERA, E & JAPUR, M. Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. **Psicologia: reflexão e Crítica**, 2001, 14(1), pp 201-209. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/YdBDrgjw4QY6sGhhrCJr9Tz/abstract/?lang=pt>. Acesso em 14 de abril de 2014.

_____. **Grupo como construção social: Aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo**. São Paulo: Vetor, 2007.

RASERA, E & ROCHA, R. Sentidos sobre a prática grupal em contexto de saúde pública. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 35-44, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ptvGxntr4PMR7QPYVBCXzDM/abstract/?lang=pt>. Acesso em junho de 2014.

SANTOS, B, S. **Um discurso sobre as ciências**. 16. ed. Porto: B. Sousa Santos e Edições Afrontamento, 2010.

SHOTTER, J. **Conversational realities**: constructinglifethroughlanguage. London: Sage, 2000.

SPINK, M.J. (Org). **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

VASCONCELOS SC, FRAZÃO IS, RAMOS VP. Contribuições do Grupo Terapêutico Educação em Saúde na motivação para a vida do usuário de substâncias psicoativas. **Enfermagem em Foco**, 2012; 3(3): 123-126. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/295/157>. Acesso em julho de 2014.

Recebido em: 01-08-2023

Aceito em: 06-10-2023

Endereço para correspondência:

Nome Ulisses Heckmaier Cataldo

Email: ulissescataldo@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)